

Transformações e rupturas na relação de leitores entre texto e hipertexto

Mara Alice Sena Felipe¹

RESUMO: As transformações impostas pelas inovações digitais têm modificado as práticas de leitura e o próprio comportamento do leitor diante do texto e de novos suportes. Indefinições e ansiedade permeiam as discussões em torno da escrita hipertextual, que cada vez mais, tem lugar nas práticas literárias. Aspectos históricos se relacionam com a teoria literária neste momento de investigação da escrita eletrônica e da leitura por vir.

Palavras-chave: Leitura; leitor; texto; hipertexto; ciberliteratura

“O leitor é um caçador que percorre
terras alheias”
Michel de Certeau

Um forte sentimento de ansiedade e dúvida parece ser a herança deixada pelo último século e que já se configura como marca destes primeiros anos do novo milênio, no que diz respeito às questões que envolvem a cultura da textualidade escrita frente aos desafios e possibilidades da escrita hipertextual eletrônica. Perduram dúvidas a cerca da presença do livro, considerando aí sua existência nos mais variados suportes, não apenas os clássicos, mas os advindos da virtualidade dos meios eletrônicos, digitais, com ou sem a presença da tela.

Tais indagações têm vínculo estreito com o que motiva este breve ensaio, a necessidade de pensar sobre o receptor histórico do impresso, que volta sua atenção e sentidos para um espaço, de escrita e de leitura, regulado, perpassado por textos que estão desvinculados da forma “livro”, tal como é tradicionalmente conhecido. Algumas reflexões de base histórica são muito pertinentes no momento em que a sobrevivência do livro impresso e encadernado, uma espécie de emblema secular da cultura ocidental, se vê ameaçada pelo advento de novas tecnologias midiáticas eletrônicas.

O que se observa nos relatos sobre as constantes mudanças que interferem no ato da leitura é que independente do suporte utilizado, seja do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Para Roger Chartier (1999, p.77), “elas colocam em jogo a

¹ Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras da UFJF.

relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão”. Contudo, o teórico acredita que há uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra. O escrito copiado a mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX.

Sob essa perspectiva, a impressão se impôs mais lentamente do que se imagina, por sucessivos deslizamentos e sobreposições. As mudanças que se delineiam na contemporaneidade constituem uma espécie de fratura, um corte na noção histórica de abordagem e definição do livro e até mesmo na possibilidade de nomeá-lo como objeto. O objeto em questão é a tela sobre a qual o texto é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. Trata-se de uma forma distinta de distribuição, organização e estruturação do texto que em muito pouco ou quase nada se assemelha ao formato que tinha acesso o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso.

É certo que as transformações do suporte material alteram as práticas de escritura e de leitura. É preciso perceber, como indica Chartier (1999), que o computador renova a funcionalidade do texto e nesse sentido é um artefato revolucionário:

O fluxo seqüencial do texto na tela [do computador], a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.(CHARTIER, 1999, p.13)

Exatamente por ser revolucionário, o novo suporte textual instaura desafios inéditos para quem escreve e para quem lê. Essa nova realidade pede uma análise desapassionada porque implica na experiência, na ação de leitores presenciais. Até bem pouco tempo os avanços das tecnologias ainda não haviam despertado o interesse das disciplinas da chamada área de Humanidades. O que se detecta no momento, principalmente em ambientes acadêmicos que tratam do assunto, é um acúmulo de

ansiedades que assistem a uma voraz e veloz “retração” no uso do suporte impresso (para usar uma expressão de Jacques Derrida, em *Papel-Máquina*, 2004).

A idéia e a concretude em si de um texto fragmentado, descentrado e aberto, alardeado e abraçado por teorias da leitura e da literatura, expressa com ênfase um estágio supostamente mais avançado na cultura humana: para os mais entusiastas, como Jay David Bolter (1991), a tecnologia eletrônica será muito em breve capaz de abrigar um novo gênero literário exclusivo ao meio digital, e não só a idéia, mas o ideal do livro mudará, afinal o meio impresso não mais definirá a organização e a apresentação do conhecimento. Para o teórico, isto não significa que a literariedade estará perdida pelo fato de uma possível “saída de cena” do formato impresso, mas significará o oferecimento de um novo tipo de livro e novas formas de ler e escrever. Conseqüentemente, segundo esse ponto de vista, o suporte revolucionaria as prerrogativas do leitor e alteraria tanto o poder do autor, quanto seu método de composição.

Bolter afirma em *Writing space* (p.3), que “*electronic writing emphasizes the impermanence and changeability of text, and it trends to reduce the distance between author and reader by turning the reader into an author*”². Além do que o hipertexto seria o único formato em que o leitor de fato teria algum poder e dependeria de um processo de seleção. Para ele, o hipertexto eletrônico viria concretizar a metáfora *reader response*, na medida em que o leitor participa da composição do texto como uma seqüência de palavras. Essa participação é real na hiperficção e até mesmo em páginas convencionais da Web. Em ambos os casos, se o autor escreveu todas as palavras e escolheu todas as imagens, o leitor ainda precisa evocá-las e determinar a ordem de apresentação por meio das escolhas feitas e pelos links percorridos.

Esse tipo de situação, no entanto, parece muito definitiva e pontual, o que faz imaginar que o leitor do hipertexto teria o poder sobre *todas* as escolhas no momento de sua imersão em um texto multiseqüencial, multiforme, como prefere chamar Janet Murray³. Evidentemente não é isso o que ocorre. Em um hipertexto o leitor segue as trilhas que um autor disponibilizou, segundo os links eletrônicos que foram previamente

² “A escrita eletrônica enfatiza não permanência e mutabilidade do texto, e isto determina uma redução da distância entre autor e leitor transformando o leitor em autor.”

³ A autora trata das narrativas em ambiente virtual, mas evita utilizar o termo “não-linear” ao referir-se a textos informatizados. Ver MURRAY, Janet. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. Trad. Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

criados. A anterioridade do autor ainda persiste, pois não há uma construção unicamente feita pelo leitor à medida que está lendo.

As várias *lexias*⁴ também foram estipuladas pelo autor e dentro de cada *lexia* a ordem de imagens e especialmente das palavras está fixa, exatamente como em um texto impresso. No âmbito da *lexia*, os textos – maiores ou menores – apresentam uma ordenação frasal estável, ainda que eventualmente pontilhada por links.

Olhando sob este aspecto, não cabe ao leitor determinar a aplicação das *lexias*, que por sua vez só fazem preservar a função autoral de quem as produziu. Inclusive o autor, se quiser, pode cercear o trânsito livre do leitor ao determinar um certo percurso a ser seguido, fazendo-o primeiro "ler" uma determinada informação antes de prosseguir. Cabe perguntar: se não se tratar de uma estrutura de escrita aleatória, algum tipo de jogo desordenado de idéias, não estaria o autor ainda fortemente imbuído da função de seleção e produção do texto, como até então se viu no impresso? Nesta situação específica o leitor tem presença efetiva, marcante, mas ainda não “destrona” o autor.

Janet Murray (2003), especialista em narrativas interativas, aposta no formato digital como um meio procedimental capaz de permitir ao leitor imersivo um tipo de participação que possa combinar agência com história, e levá-lo a perceber os padrões do que considera “um mundo ficcional caleidoscópico”. Ainda que para Murray a criação de enredos digitais esteja em um estágio incunabular, o computador é uma invenção verdadeiramente revolucionária que a humanidade poderá colocar em uso como um fascinante contador de histórias. Além do que, como afirma a escritora, “o computador não é o inimigo do livro. Ele é o filho da cultura impressa, o resultado de cinco séculos de investigações e invenções organizadas e coletivas que o texto impresso tornou possíveis”. (2003, p.23)

Aqui é preciso certa cautela. A recepção ao novo modelo textual (o hipertexto) e ao novo veículo de comunicação (a Internet e a Web) pode levar a deslumbramentos imprecisos e até mesmo pouco produtivos, que implicam em mistificações e exageros teóricos que podem obscurecer as reais possibilidades de estudo. Talvez seja sensato pensar sobre as palavras de Derrida:

⁴ O termo *lexia* foi originalmente empregado por Roland Barthes em *S/Z* para designar a unidade de leitura em uma textualidade ideal, formada por uma rede de significantes sem fim nem começo determinados. O que Barthes propõe é o direito de o leitor decompor um texto em blocos significativos cujo corte é assumidamente arbitrário.

Uma nova economia se instala. Ela faz coexistir, de maneira móvel, uma multiplicidade de modelos, de modos de arquivamento e de acumulação. Essa é, desde sempre a história do livro. Se for preciso resistir de maneira vigilante a esse pessimismo catastrófico, o qual ademais traduziria a vã tentação de se opor ao desenvolvimento inevitável de técnicas cujas vantagens são bastantes evidentes, não apenas as vantagens operatórias, econômicas, mas ético-políticas, é preciso também evitar um otimismo progressista – e por vezes “romântico” –, disposto a confiar uma vez mais às novas tecnologias da comunicação o mito do livro infinito e sem suporte, da transparência universalista, da comunicação imediata, totalizante e sem controle, além de todas as fronteiras, numa espécie de grande aldeia democrática. (DERRIDA, 2004, p. 32).

Contudo, o hipertexto se coloca como ferramenta ideal para proporcionar maior liberdade de ação do leitor. Destacam-se como vantagens funcionais do hipertexto eletrônico a rapidez da passagem de uma a outra lexia por meio dos links e a quantidade de material que pode ser acoplado a uma rede hipertextual *online*. Como consequência, desenvolveria uma noção descentralizada de texto e ao leitor caberia uma função necessariamente ativa. Cada texto pode ser parte de um sistema mais amplo no qual a totalidade talvez contasse mais que o documento isolado. Conforme o leitor se move através dessa teia ou rede de textos, ele continuamente desloca o centro – e, portanto, o foco ou o princípio organizatório – de sua investigação e experiência. O hipertexto proporciona um sistema infinitamente re-centrável cujo foco provisório depende das escolhas feitas por um leitor verdadeiramente ativo.

Pela grande capacidade de armazenamento, pela agilidade e baixo custo com que se altera o conteúdo e pela rapidez com que se acessam eletronicamente as várias lexias, os sistemas computacionais de hipertexto favoreceriam um estilo de composição fragmentário, em que os vários caminhos do raciocínio fossem mantidos e continuamente acrescentados, assim como poderia ser constantemente incorporado ao hipertexto um vasto material de suporte (produzido pelo autor ou acoplado por meio de links a outros sites): referências intertextuais, diferentes versões do trabalho, comentários, críticas e sugestões de terceiros.

Contudo, o que é preciso ter em mente é que a capacidade que o leitor imersivo tem de utilizar a dinâmica do mouse ou buscar e enveredar por infinitos *links* não transforma a leitura hipertextual em algo melhor. Utilizo como exemplo experiência pessoal de contato com o formato hipertextual da ficção de Stuart Moulthrop, *Victory*

Garden, que confesso não ter despertado o interesse pelo enredo em si, mas muito pelo formato, uma ânsia pelo suporte ou a maravilha do jogo. Chamo a atenção para o fato de que a *possibilidade* de interação não significa que a relação hipertexto-leitor se dê de modo satisfatório.

Vencida a primeira barreira angustiante da tal "liberdade" sobre que percurso narrativo seguir, percebi como são fortíssimos e incorporados os hábitos da leitura "tradicional", do formato impresso. A pressão da escolha chega a ser paralisante, pois há um arsenal de direções e sinais que parecem pulsar na tela. Era como se eu manuseasse o teclado sem de fato poder tocar no texto, algo estranho, de fato. Havia ainda a consciência das possibilidades e a necessidade de fazer uma escolha, um certo constrangimento, pelo fato de que o que se constrói na sequência de eleições está individualizado de uma maneira diferente da individualização do texto em livro. Cada corte, cada passagem, cada fragmento escolhido ou excluído gerou um tipo de dispersão ininteligível.

A superfície de leitura estava fragmentada, transformada em um tipo de colagem pelo surgimento de palavras-chave que deveriam ser acionadas, essa é a lógica enfim. Talvez pelo fato de não estar habituada, de não ter sido "alfabetizada" com a estrutura labiríntica, senti uma certa frustração, uma real perda da interação. Dei a história por encerrada quando percebi que estava angustiada e perdida nos meandros de tantos links, desmotivada pelo excesso de camadas e multiplicidade de caminhos. Seja como for: que viva o hipertexto! Que viva o livro impresso!

Perder-se pode ser a palavra de ordem do homem pós-moderno. O hipertexto e múltiplos caminhos só fazem confirmar essa premissa. Mas será que os leitores estariam mesmo dispostos a se perder nesse labirinto da narrativa informática? Orientar-se por caminhos de total desorientação não parece tarefa fácil, mesmo que a noção de liberdade seja tão sedutora, ainda que questionável, afinal depois de tantas incursões por caminhos bifurcáveis há o retorno à estrutura inicial definida pelo autor. Para que esse leitor motivado a conhecer o hipertexto seja conquistado em definitivo será preciso uma análise da produção e algum tipo de pedagogia de leitura de hipertextos originada do contato constante com o novo suporte.

De repente, produtor e receptor da obra literária rompem as barreiras da produção e leitura solitárias para darem lugar a interação direta permitida pelo meio informático. Assim, a feitura do texto pode vir a ser um processo, de certa forma,

colaborativo.⁵ Ao acompanhar o trabalho de escritura o leitor pode sentir-se parte integrante na elaboração da obra, mesmo que essa participação não se confunda com as experiências mais radicais – que também existem nos meios eletrônicos – de uma escritura a várias mãos.

Inúmeras perguntas ainda irão se delinear no universo da escrita hipertextual que, pode-se dizer, ainda engatinha. Mas uma coisa é certa: recepção e receptividade às formas de acesso a leitura hipertextual em meio informatizado estão mudando. As novas gerações demonstram, cada vez mais, familiarizar-se rapidamente aos recursos tecnológicos e nada impede que possam "alfabetizar-se" já desde cedo com os formatos de produção e leitura, assim como tradicionalmente é feito em relação ao impresso. Mesmo porque a própria escrita hipertextual, literária, pode apresentar-se em um futuro próximo com alguma classificação, como em gêneros ou categorias retóricas consolidadas que orientem a produção e leitura do hipertexto em seus diferentes níveis e formas poéticas.

⁵ Uma experiência pioneira no Brasil ocorreu em 1997, quando o escritor gaúcho Tabajara Ruas escreveu o conto interativo "O Fascínio", contando com a participação dos leitores virtuais. Teriam sido mais de 10 mil sugestões, enviadas pela Internet e pelo telefone. Os 18 capítulos de "O Fascínio" foram publicados na web e divulgados pela imprensa escrita (*Correio do Povo* de Porto Alegre) e pela rádio (rádio Guaíba AM). No mesmo ano foi transformado em livro e editado pela Record.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABO, Maria Augusta. O hipertexto como nova forma de escrita. In: SUSSEKIND, Flora, DIAS, Tânia (Org.). *A historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004.

_____. *As Transformações provocadas pelas tecnologias digitais na instituição literária*. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-tecnologias-literatura.pdf>. Acessado em 15 dez. 2007

_____. *Hipertexto e Narratividade*. In: http://www.eco.ufrj.br/epos/artigos/art_mbabo.htm. Acessado em 15 dez.2007.

BOLTER, Jay David. *Writing Space – The Computer, Hypertext, and the History of Writing*. Hove and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers,1991.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 999.

_____. *Readers and Reading in the Age of Electronic Texts*, 20.01. E-book facultado por www.text-e.org. Acessado em 20 dez 2007.

DE MORAES, Dênis. *Ciberespaço e mutações comunicacionais*, 1- o furacão multimídia. In: http://br.geocities.com/mcrost11/oi034_ciberespaco_e_mutacoes_comunicacionais.doc. Acessado em 20 dez 2007.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FURTADO, José Afonso, *Livro e Leitura no novo ambiente digital, Enciclopédia e Hipertexto*. In: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado>. Acessado em 20 dez 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Trad. Mário Botas. 2 ed. Lisboa: Passagens,1999.

JOYCE, Michael. *Sustituyendo al autor: un libro en ruinas*. In: NUNBERG, Geoffrey (comp.). *El futuro del libro*. Barcelona: Paidós, 1998

MOURÃO, José Augusto. *A Criação Assistida por Computador- a Ciberliteratura*, Colóquio Internacional A Criação, in <http://www.triplov.com/creatio/mourao.htm>. Acessado em 04 jan 2008.

_____. *Para uma poética do Hipertexto – Ficção interactiva*, Cadernos do ISTA, 15, In: <http://www.triplov.com/hipert/>. Acessado em 04 jan 2008.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. Trad.

Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

PORTELA, Manuel. *Hipertexto como Metalibro*. In: http://www.uc.pt/pessoal/mportela/arslonga/MPENSAIOS/hipertexto_como_metalibro.htm, 2003. Acessado em 05 jan 2008

REZENDE, Luiziana. *Desenvolvimento de Habilidades cognitivas e metacognitivas de leitura em softwares e webs educativos*. In: <http://www.c5.cl/tise98/html/trabajos/desenv/index.htm>. Acessado em 05 jan 2008

VIGGIANO, Eleonora, *Literatura em Bits – A Arte Literária em meio virtual*, <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/encontro/Eleonora%20texto%20completo.doc>. Acessado em 05 jan 2008